

LONGE DE LÊNIN

Evgeni Ambarzumov

Não pensamos em abstrato voltar ao capitalismo ou restaurar o socialismo. O nosso problema principal é construir uma condição de vida mais suportável para as pessoas, mais democrática, humana e funcional



Nesta entrevista Ambarzumov, estudioso da NEP, retoma um dos temas centrais da discussão levantada acerca do socialismo e tenta auxiliar de forma analítica a mutação em curso do chamado socialismo real na direção de um outro sistema possível.

P — O socialismo, como sistema internacional formado por Estados, chegou ao fim. Está em curso na URSS uma discussão global que reexamina 70 anos de história. Você mesmo defendeu em Siena que esta guinada reabre a relação da União Soviética com a Europa e a cultura mundial. O que você quis dizer precisamente? Vocês estavam tão isolados do resto do mundo?

R — Nossa reabertura para a cultura européia e mundial pressupõe a superação de obstáculos tenazes e enormes inibições em relação a tudo aquilo que o marxismo soviético tinha eliminado de nossa visão. Este processo, já encaminhado antes de 1989, somente agora se afirma plenamente. O marxismo se nos apresenta agora como uma das componentes culturais de nosso tempo, e não a única. Tomemos as ciências econômicas. O marxismo, como doutrina econômi-

ca, não nos ajuda a construir uma economia normal. Devemos, portanto, nos abrir para as assim chamadas “economics” ocidentais no momento mesmo em que redescobrimos o mercado e os seus mecanismos para fins de desenvolvimento.

De outro lado, nosso problema hoje é combinar uma economia de concorrência com a defesa social. Por isso, olhamos com interesse as teorias de Milton Friedman, assim como as mais clássicas de Von Hajeck, ao mesmo tempo em que, na outra vertente, é necessário pensar em Keynes. A economia é somente um exemplo. Entre nós, as barreiras e o isolamento eram capilares e disseminados: iam do ensino primário aos mais altos níveis do saber acadêmico e científico. Acima de todos os saberes particulares estava a jurisdição do marxismo como única unidade de medida crítica subtraída à crítica. Temos que superar tudo isso.

P — A barreira não apenas mental para com o exterior era então representada pelo nexos inseparável Estado-partido-ideologia. Um sistema de governo e de pensamento nos quais se sintetiza uma longuí-

sima herança, a própria identidade do sistema soviético. Para retomar uma questão que hoje se tornou clássica: como se chegou a este epílogo? Ele estava realmente implícito nas concepções originárias da revolução? Era inevitável?

R — A revolução de Outubro não permitia vislumbrar todo o desenvolvimento posterior e tampouco, em particular, uma URSS culturalmente separada do resto do mundo. É com a guerra civil, posterior a 1917, que se afirma a autoconcentração da revolução em seus próprios fins e sua total auto-suficiência ideológica. Foi Lênin que, em seguida, mesmo tendo decretado a abertura da NEP, baniu resoluta e definitivamente qualquer outra doutrina da discussão, com exceção do marxismo.

P — Isso significou graves custos e não apenas ideológicos. Frequentemente, na historiografia marxista, tendeu-se a justificá-los

Evgeni Ambarzumov é diretor do Instituto Internacional para Estudos Econômicos ligado à Academia de Ciências da URSS e deputado do Congresso do Povo. Entrevista concedida a Bruno Gravagnuolo, publicada em *Rinascita* 26 (08/07/90) e traduzida por Giovanni Menegoz e Luiz Arturo Obojes.

recorrendo às condições históricas de então. Qual é a sua opinião?

R — Certos custos históricos pagos devido às condições então existentes, não eram absolutamente inevitáveis. Teria sido possível um socialismo mais humano e tolerante. No entanto, apesar das aberturas relativas da NEP, ressaltados os fechamentos ideológicos em economia, ocorreu a perseguição de cientistas, filósofos e especialistas. O melhor da *intelligentsia* russa foi obrigado a emigrar. A adesão política a formações diferentes da bolchevique constituía por si só um grave crime. Isso explica muito o clima que prevaleceu e as consequências de uma certa mentalidade.

P — Detenhamo-nos, por um momento, na NEP, que muitos estudiosos, não apenas soviéticos, valorizam freqüentemente como potencialidade alternativa ao modelo que afinal prevaleceu. Gostaria de perguntar: a opção do mercado para o campo tinha, em Lênin, um valor tático, temporário ou estratégico e permanente?

R — Pouco a pouco, creio, a NEP teria assumido um valor estratégico, estável. Mas com a morte de Lênin ficou claro que os anos da NEP, infelizmente estavam contados. Era lógico, ainda que não inevitável, que ela fosse colocada de lado porque o próprio partido estava fisiologicamente voltado ao monolitismo ideológico e prático, hostil portanto a qualquer dissenso e a qualquer pluralismo.

P — São recorrentes hoje na URSS, e fora dela, avaliações fortemente negativas dos resultados práticos da revolução de Outubro. Poder-se-ia, então, ao menos, sustentar que a revolução permitiu à Rússia manter-se unida, preservando, de qualquer modo, a tradição do império e dos czares que, de outra maneira, estaria exposta, após a Primeira Guerra Mundial, a um destino análogo ao do Império austro-húngaro?

R — Penso que sim. O bolchevismo conservou o papel e a fun-

ção imperial da Rússia. Uma via pluralista teria sido certamente mais fecunda em resultados sociais e menos pesada, e nesse caso o império se teria dissolvido. É difícil imaginar o que poderia substituir o autocentrismo russo, mas nada nos impede de pensar, também para aquela época, em um sistema diferente de relações, de colaboração, federativas, entre as diversas nacionalidades. O problema, como se sabe, torna-se hoje atual em uma situação totalmente inédita que sofre, todavia, com a herança do passado.

P — O historiador alemão Ernst Nolte, ao reconstruir as relações entre o Estado totalitário soviético e a Alemanha, logo após a Primeira Guerra Mundial, falou de "guerra civil européia" ligada a uma guerra civil interna aos Estados individuais. Aparece aqui o problema da polarização ideológica comunismo-fascismo e das responsabilidades stalinianas no advento do segundo. Compartilha destas declarações de juízo historiográfico?

R — Em princípio, sim, sobretudo no que se refere a Stálin; ele conduziu uma verdadeira guerra civil interna contra o próprio povo. Houve uma estatização da guerra civil. No plano internacional a ação de Stálin fortaleceu o fascismo, aumentando as suas perspectivas de sucesso através da teoria do social-fascismo que proibia aos comunistas europeus se aliarem aos social-democratas. Além disso, Stálin considerou sempre aceitável, taticamente, uma aliança com o fascismo contra as potências democráticas. Com relação à contraposição ideológica interestatal entre sistemas ela teve certamente um papel fundamental no entreguerras. Neste sentido, pode-se falar também de "guerra civil européia". Por fim, é necessário dizer que Stálin tem, inegavelmente, sua parte de responsabilidade no que se refere à deflagração da Segunda Guerra Mundial.

P — Fiquemos ainda no problema das possíveis "alternativas" his-

Foi Lênin que em seguida, mesmo tendo decretado a abertura da NEP, banuiu resoluta e definitivamente qualquer outra doutrina da discussão, com exceção do marxismo.

tóricas. Falou-se (e entre nós, por exemplo, Procacci) de um possível eixo Chicherin-Bukhárin na segunda metade dos anos vinte, isto é, de uma política externa diversa, mais aberta à social-democracia, ligada às potencialidades residuais da NEP. O que você pensa disso?

R — O problema que você me coloca é interessante, mas a aliança entre Chicherin e Bukhárin carece de provas. Chicherin, na verdade, não se considerava um membro da chamada direita bukhari-niana. De qualquer modo, na segunda metade dos anos vinte, a política externa era dirigida, na realidade, pelo seu vice, Kristinski, totalmente subordinado às indicações do Politburo, onde prevalecia Stálin. A linha mestra da política externa de Stálin, naquela época, era a teoria da inevitabilidade da guerra e da agressão imperialista contra a URSS.

Esta linha se valia também da agitação ideológica interna da ala zinovieviana e trotskysta, orientada principalmente à coletivização integral. Trotsky estava convencido da inevitabilidade da revolução mundial e sua visão tinha pontos de contato com a de Stálin, embora não fosse idêntica a esta. Todo o bolchevismo, porém, mesmo que com nuances diversas, estava orientado para a inevitabilidade da guerra e da confrontação global com o imperialismo enquanto tal.

O que aconteceu, como se sabe, foi, ao contrário, a aliança da URSS com as potências democráticas contra o fascismo, situação esta, mais complicada e imprevisí-

vel em relação à teoria assumida por Stálin. A alternativa interna à visão de Stálin podia ser, aliás, não exatamente a de Bukhárin, como eu mesmo acreditava até alguns anos atrás, mas uma outra. Refiro-me às teorias de dois grandes economistas como Ciacianov e Kondratiev, que queriam se basear na empresa rural independente e no desenvolvimento da indústria leve, renunciando à industrialização forçada.

P — Mas estes elementos não estavam também presentes em Bukhárin? E por que tanto ele como os demais não conseguiram criar um "bloco" contra Stálin?

R — Havia pontos de contato entre eles, mas os economistas tinham uma visão mais orgânica e coerente, e, sobretudo, não estavam condicionados pela moldura ideológica bukhariniana. Bukhárin tinha referências políticas precisas no partido, enquanto estes tinham certa base entre os camponeses e entre determinados grupos urbanos. O fracasso dos economistas era inevitável e suas possibilidades de sucesso eram ainda mais precárias que as de Bukhárin. O partido, naqueles anos, estava dominado por um novo estrato de massa: um estrato subproletário, de marginalizados, de arrivistas em ascensão. Um novo *lumpen-proletariat* bolchevique.

Estes tinham conquistado, paulatinamente, posições de poder no partido e no Estado. A NEP, com as suas implicações pluralistas, colocava em perigo suas conquistas pessoais. Foram em seguida eliminados por Stálin, exatamente por causa de sua relativa autonomia social. Encarnavam, com efeito, uma certa iniciativa ativista que se autoconfigurava como "nova guarda bolchevique", deslocada mais à esquerda, e isso ainda na época em que já tinha ocorrido o afastamento de Trotsky. Eram, por fim, animadores de massa que Stálin não podia tolerar e a cuja ação de "costura" foram opostos progressivamente os procedimentos impessoais e executivos do modelo staliniano.

Apoiando Stálin, eles decretaram sua liquidação, além de Bukhárin, Ciacianov e de Kondratiev.

P — *Mencionamos o debate econômico. Na realidade, a série de autores que são redescobertos hoje na URSS é muito grande: Bernstein, Martov, Plékhanov, todos os teóricos da social-democracia e até o pensamento de um filósofo cristão como Berdiaiev. Particularmente, em Siena, Kiseliiov, estudioso do Instituto da Europa Oriental, traçou uma relação entre comunismo soviético e formas do modo de produção asiático, com menções que lembram a reflexão de Kautsky dos anos Trinta sobre a URSS como sociedade de castas.*

R — Todos os autores que você menciona são relidos hoje na URSS sobretudo para reencontrar neles as previsões negativas sobre os resultados de um regime político. Previsões exatas em Martov, por exemplo, em Plékhanov, mas também em Rosa Luxemburgo. Não por acaso todos estes autores eram proibidos. Há uma redescoberta mas também uma superação desta literatura. Para muitos, com efeito, estes autores parecem um pouco ultrapassados porque, em geral, pelo menos no momento, as idéias do socialismo estão desacreditadas em nosso país. O interesse se concentra não somente e não tanto nos teóricos social-democratas mas nos autores estritamente russos, em filões idealistas por longo tempo desprezados, como o representado por Berdiaiev que você lembrou. Berdiaiev indicou as contradições insuperáveis das doutrinas comunistas e as terríveis conseqüências que derivam do "sacrifício" da ética, do esvaziamento por parte de Lênin, por exemplo, da moral enquanto autônoma.

Com relação às análises de Kautsky e às considerações de Kiseliiov sobre o despotismo asiático, a argumentação não é suficiente porque é necessário enxertar nelas o papel moderno da industrialização, da manipulação ideológica e da comunicação de massa. É necessário chamar a atenção para o uso com-

binado de terror e incentivo econômico, para a relação entre o papel do aparelho e a promoção de elites meritocráticas. Trata-se de algo completamente novo, às vezes vislumbrado por algumas análises de Plékhanov e por algumas profecias de Bakúinin.

P — *Passemos diretamente ao presente. Sempre em Siena, Rita Di Leo chamou atenção sobre o distanciamento progressivo de Gorbatchov "da tradição e da experiência comunista". A sua intervenção foi uma análise minuciosa de escritos, documentos e entrevistas que partia de alguns "sinais semânticos" lançados nos anos de Andrópov, para chegar até os nossos dias. Qual a sua opinião a respeito?*

R — Há, inegavelmente, um corte, um distanciamento cada vez mais visível entre Gorbatchov e a tradição comunista. O secretário-geral mostra não acreditar na possibilidade da construção do comunismo. Sua referência ao comunismo, quando ocorre, parece puramente ritual, geral, não se refere a uma meta social de desenvolvimento. A ênfase de Gorbatchov recai decididamente no socialismo em sua acepção democrática e isso acontece no quadro de uma interpretação praticamente idêntica ao socialismo democrático da Europa Ocidental. Gorbatchov, naturalmente, se dá conta de que esta passagem cultural explícita não é possível de um dia para outro.

P — *No PCUS, atualmente, com exceção da ortodoxia conservadora, quais culturas políticas caracterizam as outras componentes, em particular, a ala radical?*

R — Entre os radicais prevalecem duas correntes. A primeira tem como referência o socialismo de rosto humano, a experiência da primavera de Praga. A segunda, ao contrário, parte do descrédito em que caiu a noção de socialismo e se orienta para a construção de uma sociedade de tipo ocidental, de base liberal-social. Yeltsin ain-

Não pensamos, em abstrato, voltar ao capitalismo ou restaurar o socialismo. O nosso problema principal é o de construir uma condição de vida mais suportável para as pessoas, mas democrática, humana e também mais funcional. Como se chamará o sistema que surgirá amanhã, por ora é menos importante.

da não se posicionou claramente nesta discussão. Proclama-se social-democrata e parece orientar-se neste sentido ainda que, na verdade, não lhe sejam estranhos traços liberais e populistas.

P — Permita-me, aqui, uma pergunta talvez um pouco esquemática que repercute na polêmica dos adversários da perestroika. Atualmente, o reformismo de Gorbachov volta-se de certo modo para um retorno ao capitalismo, para talvez voltar a propor, em seguida, a idéia socialista?

R — Não pensamos, em abstrato, voltar ao capitalismo ou restaurar o socialismo. O nosso problema principal é o de construir uma condição de vida mais suportável para as pessoas, mais democrática, humana e também mais funcional. Como se chamará o sistema que surgirá amanhã, por ora é menos importante.

P — Em que bases vocês pretendem reativar a economia, com que estratégias, margens e tipo de acumulação, com que "formas" de produção pública e privada?

R — Pretendemos utilizar todas as formas possíveis de produção. Sobre o uso do termo público eu teria, de qualquer modo, algumas dúvidas porque a propriedade esta-

tal, entre nós, não era pública mas antes apanágio de uma camada burocrática. Isto, por si só, constitui ainda fonte de equívocos. Penso numa combinação de formas estatais e privadas, se você quiser, como nas áreas de participação estatal italiana. A nossa estrutura estatal deve ser, hoje, desbloqueada, vendida e redistribuída entre diversos sujeitos, entidades ou grupos, através do instrumento das sociedades por ações. Disso deve surgir uma privatização social com muitos *partners* associados e um determinado papel do Estado. Do lado agrícola, devemos nos orientar a uma acumulação de capital agrícola favorecendo o nascimento de novas empresas, de grupos ampliados de futuros fazendeiros.

Isso não significa destruir os colcoses e os sovcoses, que podem assumir, entre outros, um caráter cooperativo ou autogestionário, através do arrendamento e venda a coletivos de trabalhadores. Esta tendência pode se dar em todos os setores da economia. As opções deverão ser ditadas pelas indicações do mercado e não do plano. A programação poderá estimular as conveniências mas não ditá-las, prescrevê-las. Em 70 anos, as regras do plano nos conduziram à catástrofe. No centro deveremos pôr, ao contrário, o mercado e os consumidores.

P — Trata-se de uma grande reconversão da economia que comporta, evidentemente, também custos: desemprego e aumento dos preços. Como vocês pensam enfrentar estes problemas?

R — Problemas e retomada econômica podem ser enfrentados ao mesmo tempo. Falei de uma reavaliação dos recursos estatais. Portanto, antes de mais nada, devem ser reduzidas em dois terços as despesas ligadas ao complexo militar-industrial. Podem ser vendidas terras, edifícios, empresas, obtendo recursos para financiar a reestruturação e alimentar a retomada do crescimento econômico. Existirão, contemporaneamente, formas de proteção social, apropriações indi-

retas de renda. Por fim, há o dispositivo da requalificação da força de trabalho e do seu reemprego na economia. Mas o problema de fundo permanece o de movimentar recursos e potencialidades inertes, hoje congelados no sistema.

Um outro problema crucial, que já afloramos no início, é o das nacionalidades que interage fortemente com as dificuldades econômicas da URSS. Está se perfilando a extinção do Estado supranacional soviético, isto é, o "eclipse de uma superpotência"?

R — O Estado imperial está acabando. Nascerá uma entidade supranacional baseada em acordos federativos com repúblicas autônomas dotadas de maior independência. O centro manterá um papel de coordenação no que se refere à política externa, aos programas econômicos e infra-estruturais. Penso em uma estrutura estatal mista: federativa, confederativa e de verdadeiras e distintas soberanias nacionais. Após a independência, hoje já à vista, das repúblicas bálticas, será talvez a vez da Moldávia. A URSS poderia então se tornar algo de muito parecido ao *Commonwealth* britânico. Trata-se de um processo inevitável, alimentado por um novo despertar das nacionalidades ao qual se poderia responder também com a mão-de-ferro mas, neste caso, seria o fim da perestroika. Na hipótese que vislumbro, a Rússia, com os seus 150 milhões de habitantes, será uma superpotência menor, que respeitárá totalmente e estará aberta à colaboração, sem ressentimentos recíprocos, com a Europa.

P — O Pacto de Varsóvia parece se encaminhar para a sua superação. Ao contrário, a OTAN prepara-se para acolher em seu interior a Alemanha unificada. Na esquerda europeia, como Ingrao o fez em Siena, dirigindo-se a vocês soviéticos, há quem observe que este desequilíbrio poderá enfraquecer a própria credibilidade de Gor-

batchov, reforçando os argumentos dos conservadores no PCUS. Como você responde a isso?

R — Nós, é claro, não queremos dar ao povo soviético a impressão de ter perdido a Segunda Guerra Mundial após tê-la vencido ao preço de sacrifícios imensos. Devem ser asseguradas à URSS determinadas condições políticas, através de um sistema de segurança européia como pressuposto para a superação gradativa dos dois blocos. Nós não tememos a Alemanha unificada, aliás, olhamo-la em termos positivos, inclusive no que se refere às trocas e ao desenvolvimento. Sobre a questão da segurança, poderiam ser esboçados cenários que ofereçam garantia ao nosso país. Pode-se imaginar também uma Alemanha ligada à OTAN nas formas já adotadas pela França gaullista, de autonomia e, portanto, de integração não plena nos comandos militares aliados. A própria OTAN na Europa poderia se tornar uma estrutura multilateral de segurança, no interior da qual poderiam entrar os países do Leste, inclusive a URSS.

P — Da idéia da paz como “trégua armada” à idéia da interdependência a partir das relações com a Europa. Mas, de forma mais geral, a interdependência implica para vocês também a coincidência dos dois sistemas sociais antes contrapostos?

R — Estamos caminhando em direção a um sistema social mais próximo ao modelo ocidental, mas não pretendemos nos identificar com o Ocidente. Manteremos uma nossa especificidade, com um traço marcadamente social-democrático, mas não necessariamente aderiremos ao Ocidente.

P — Resta ainda, tenho a impressão, o traço socialista em vossa evolução. Como você sintetizaria o caráter e a especificidade deste elemento?

R — O socialismo não é um fim rígido, mas uma tendência política inscrita no processo contínuo de desenvolvimento democrático. É uma componente política voltada para a justiça social, a democracia, a defesa dos mais fracos. Enfim, é a proposição de um quadro que garanta a realização de todos os indivíduos. Neste quadro, as classes sociologicamente permanecem, mas elas perdem o valor filosófico e o caráter axiológico que tinham na filosofia social marxista. As classes, vocês no Ocidente o sabem bem, decompõem-se por causa da evolução social. Os operários clássicos diminuem cada vez mais. Formam-se novos grupos ligados às tecnologias, à nova divisão do trabalho. Entre nós, provavelmente, serão promovidas as classes camponesas, no contexto de uma agricultura tecnológica e avançada. O grande terreno da democracia, de resto, dirá respeito, sempre mais, ao inteiro contexto mundial.

P — Tentemos, finalmente, delinear um cenário político possível para o dia seguinte ao próximo Congresso do PCUS. Haverá uma cisão entre as duas alas do partido?

R — Como já escrevi em *L'Unité* (18.06.90), uma cisão é muito provável. A sorte de Gorbatchov dependerá de sua capacidade de se aliar seriamente ao movimento democrático e a Yeltsin. O difícil está aqui: acelerar as reformas democráticas sem golpear as bases materiais de existência das pessoas. O programa do governo Rhj-kov prevê, ao contrário, triplicar

Creio que a melhor coisa para Gorbatchov seria abandonar o partido, conservando seu papel de presidente acima das partes. Poder-se-ia formar um governo de coalisão nacional composto de técnicos, como expressão da melhor parte dos dois alinhamentos.

os preços, adiando as reformas e conservando a velha estrutura. A possível cisão diz respeito às duas partes: o velho partido do aparelho e a ala democrática. Nascerão, acredito, dois novos partidos.

P — E Gorbatchov que lugar escolherá?

R — Depende dele. Creio que a melhor coisa para Gorbatchov seria abandonar o partido, conservando seu papel de presidente acima das partes. Poder-se-ia formar um governo de coalisão nacional composto de técnicos, como expressão da melhor parte dos dois alinhamentos.

P — E em seguida, também para a URSS, a alternativa...?

R — Em um futuro possível, sem dúvida. Mas já a partir de agora nascem partidos e grupos totalmente novos, fora do velho aparelho, que poderão dizer a que vêm.

P — Enfim, parece que se esgotou a própria função do PCUS e não apenas a sua ditadura?

R — Sim.